

06-03-2020

Mês das mulheres: Melhor respeito do que parabéns!

Lucrecia Bobbit Filgueiras

[Enfermeira. Professora aposentada]

Março é o mês que abriga o Dia Internacional da Mulher. Não é exatamente uma festa, nem um dia para recebermos rosas, bombons, parabéns... Esse carinho é bem-vindo. Mas é dia de reflexão. Refletir sobre nosso papel e importância na sociedade e também sobre nossa representatividade política, acadêmica, religiosa, gestora... Quantas de nós temos minimamente autonomia financeira? Pensem comigo sem olhar para o próprio umbigo. Vamos ampliar nosso olhar.

Sem pensar nas belas e bem nascidas, nas celebridades, nas que vendem sua imagem. Mas naquela que além de nada ter ainda é obrigada socialmente a servir... Mesmo essas, descritas como emancipadas e/ou independentes, estão submissas a outro cárcere: o da sua imagem.

A obsessão pela magreza, o medo do envelhecimento, das rugas, da flacidez etc... A fixação pela aparência magra e jovem pode mesmo ser um novo sinal da obediência feminina, como forma de agradar o olhar masculino. Arrepio-me de medo ao tentar tocar nesse tema tão complexo e de infinitos prismas. Sou uma pessoa simples, digo, uma mulher simples e como sou simples vejo a nossa luta em poucas palavras: respeito, reconhecimento, valorização. Essas palavras coincidem com o desejo da enfermagem, por isso vou tentar...

Como mulher e enfermeira tentarei fazer aqui a minha reflexão compartilhando com vocês. Já em [texto de 1988](#), Ieda Castro alertava que a enfermagem não obteve o reconhecimento e valorização na sociedade e apontava vários motivos. Mas antes mesmo de apontar esses motivos técnico-administrativos diz que “A enfermagem é exercida por um grande número de mulheres que são também donas de casa e assim estão duplamente sujeitas às especificidades do trabalho das mulheres.”

No Brasil, [segundo o IBGE](#), as mulheres são 51,7% da população. Ainda, do IBGE, no estudo [Estatísticas de Gênero](#), com comparações e reflexões a relacionadas a alguns aspectos da vida de homens e mulheres, um ponto me chamou a atenção, apesar de não ser nenhuma novidade... Mulheres gastam mais de 73% de horas do que os homens em cuidados com pessoas/afazeres domésticos. Segundo dados relacionados ao gênero na [pesquisa do Cofen \(Conselho Federal de Enfermagem\) e Fiocruz em 2017](#), a força de trabalho da enfermagem é composta em sua maioria absoluta por mulheres: 85%.

Para quem não conhece, o exercício da enfermagem é dividido em níveis de habilitação segundo a [Lei nº 7.498/86](#): Enfermeiro, Técnico de Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem e Parteira. Todos da enfermagem, porém com níveis de formação e atribuições diferentes. Entre Técnicos e Auxiliares de enfermagem (formação de nível médio) 84,7% são mulheres e nos Enfermeiros (formação de nível superior) 86,2%. Com base nesses números creio que o trabalho da enfermagem esteja atravessado pelas relações de gênero e de poder.

O poder que aqui me refiro não é o poder formal exercido pelo Estado ou organizações empresariais, religiosas e outras. Mas o poder que se dá no cotidiano das relações sociais, das relações humanas, onde as diferenças biológicas entre homens e mulheres criaram representações e estereótipos, onde o homem é direcionado para o mundo público das atividades ligadas ao esporte, ao trabalho fora de casa, onde aprendem cedo a ter liberdade. Enquanto as mulheres permanecem direcionadas para o espaço privado, doméstico, para as atividades de cuidado e de reprodução, incorporando desde muito jovens o sentido da obediência e submissão como também o universo das emoções afetivas.

A enfermagem sendo uma atividade extremamente ligada ao cuidado, provavelmente não teria outro destino: ser exercida em sua grande maioria pelas mulheres e sofrer enquanto corpo de profissionais os mesmos problemas do maior contingente de sua força de trabalho - nós próprias - as mulheres. Na versão da música Mulheres (de Toninho Geraes, sucesso estrondoso de Martinho da Vila) vejo um estímulo para nossa caminhada na busca pelo reconhecimento da nossa importância, valorização social do nosso trabalho e respeito aos nossos corpos e nossas vidas.

[Mulheres](#) (Versão) – Grupo Samba que Elas querem

Nós somos Mulheres de todas as cores

De várias idades, de muitos amores

Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei

De Elza Soares, mulher fora da lei

Lembro Marielle, valente, guerreira

De Chica da Silva, toda mulher brasileira

Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo

Minhas regras / Agora, mudou o quadro

Mulheres cabeça e muito equilibradas

Ninguém ‘tá confusa, não te perguntei nada

São elas por elas / Escute esse samba que eu vou te cantar

Eu não sei porque tenho que ser a sua felicidade

Não sou sua projeção / Você é que se baste

Meu bem, amor assim quero longe de mim

Sou mulher, sou dona do meu corpo

E da minha vontade / Fui eu que descobri Poder e Liberdade

Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.